

Fronteira abandonada

O descuido do Brasil com suas fronteiras geográficas — sobretudo a amazônica, com seu formidável tesouro biogenético — já lhe rendeu no passado contratempos e prejuízos imensuráveis. Basta lembrar a perda do monopólio mundial da borracha, condição que a natureza lhe concedeu e um esperto contrabandista britânico surrupiou, no final do século passado.

Estimulado pela absoluta ausência de fiscalização na região, o súdito do Império Britânico Henry Wickham conseguiu contrabandear, em 1876, 70 mil sementes da *Hevea Brasiliensis* para território inglês. Cometeu um crime contra o Brasil, mas foi condecorado cavaleiro do reino por Sua Majestade.

Na seqüência das décadas, a Inglaterra, de posse daquelas sementes, desenvolveu plantios de seringa no sudeste asiático e começou a desativar gradualmente seus plantios no Brasil, desempregando mão-de-obra nacional e empobrecendo a economia da região.

Em contrapartida, a Malásia é há anos o maior produtor mundial de borracha e o Brasil (que continua a dar a denominação científica da espécie) já não produz sequer o suficiente para seu próprio consumo.

O preâmbulo vem a propósito de algo espantoso: a rigor, nada mudou desde a premiada pirataria de *Sir Wickham*. A fronteira amazônica continua território

de ninguém, por onde vagueiam, sem qualquer cerimônia, narcotraficantes, contrabandistas e interesses externos não confessados.

A denúncia tem a insuspeita fonte do jornal norte-americano *Washington Insight*, destinado a empresários da indústria farmacêutica: pelo menos 20 mil extratos vegetais continuam sendo contrabandeados anualmente da Amazônia para laboratórios farmacêuticos dos Estados Unidos, Europa e Japão.

O pesquisador do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade do Amazonas, Frederico Cruz, acha que a estimativa do jornal norte-americano é modesta. E faz outra denúncia: o contrabando tem o apoio de um laboratório brasileiro, cujo nome não é citado, mas que é conhecido das autoridades. “Falta vontade política para acabar com isso”, diz ele.

Há o caso flagrante, que repete a trajetória da seringa no século passado, que envolve contrabando de rãs e de uma planta conhecida como pedra-umi-caá, de grande valia para o desenvolvimento de analgésicos e drogas para tratamento de doenças neurovegetativas. As rãs estão sendo contrabandeadas por laboratórios americanos e italianos e as rãs pelos japoneses.

O Brasil, que terá que pagar direitos autorais por esses medicamentos a esses laboratórios, está sendo lesado nas barbas de suas autoridades, um século depois da punção da borracha.